



**INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH**  
**CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**BELCHIOR REIS CAMELA**

***CHÉ CADENGUE NÃO FALA POLÍTICA: REPRESSÃO AO ATIVISMO***  
**POLÍTICO DOS JOVENS EM LUANDA**

**ACARAPE**

**2023**

**BELCHIOR REIS CAMELA**

***CHÉ CADENGUE NÃO FALA POLÍTICA: REPRESSÃO AO ATIVISMO  
POLÍTICO DOS JOVENS EM LUANDA***

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndagalila Cossa

**ACARAPE**

**2023**

**BELCHIOR REIS CAMELA**

***CHÉ CADENGUE NÃO FALA POLÍTICA: REPRESSÃO AO ATIVISMO  
POLÍTICO DOS JOVENS EM LUANDA***

Aprovada em: 03/02/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Segone Ndagalila Cossa (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Avaliador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Profª. Dra. Ana Carolina Costa (Avaliadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**ACARAPE**

**2023**

## LISTA DE SIGLAS

CEI	Casa de Estudantes do Império
DNIC	Divisão Nacional de Investigação Criminal
DW	Deutsche Welle
FALA	Forças Armadas para Libertação de Angola
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
GRAE	Governo de Resistência em Angola no Exílio
HRW	Human Rights Watch
NE	Instituto Nacional de Estatística
IEACA	Igreja Evangélica Congregacional em Angola
MAC	Movimento Anticolonialista
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
MINA	Movimento para a Independência Nacional de Angola
MIA	Movimento para a Independência de Angola
MLSTP	Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe
OCA	Organização Comunista de Angola
PDA	Partido Democrático de Angola
PLUA	Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola
PCA	Partido Comunista de Angola
PCP	Partido Comunista Português
PIDE	Polícia Internacional de Defesa do Estado
REVUS	Revolucionários
SINSE	Serviço de Investigação e Segurança do Estado
TPA	Televisão Pública de Angola
UNITA	União Nacional para Independência Total de Angola
UPNA	União das Populações do Norte de Angola
UPA	União das Populações de Angola

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVAS</b> .....	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DA PESQUISA</b> .....	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>HIPÓTESES</b> .....	<b>16</b>
<b>5</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>17</b>
<b>5.1</b>	<b>Objetivos gerais</b> .....	<b>17</b>
<b>5.2</b>	<b>Objetivos específicos</b> .....	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>18</b>
<b>6.1</b>	<b>Luta armada</b> .....	<b>18</b>
<b>6.2</b>	<b>Os movimentos de libertação e o papel dos jovens</b> .....	<b>18</b>
6.2.1	FNLA.....	18
6.2.2	MPLA.....	20
6.2.3	UNITA.....	23
<b>7</b>	<b>MEMÓRIA HISTÓRICA DE CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO POLÍTICO DOS JOVENS EM ANGOLA</b> .....	<b>26</b>
<b>7.1</b>	<b>Caso prático de violência e abuso de poder da polícia nacional (depoimento de Laurinda Gouveia)</b> .....	<b>27</b>
<b>7.2</b>	<b>Juventude e desigualdade social</b> .....	<b>29</b>
<b>7.3</b>	<b>“Ché cadengue não fala política”, uma política de morte</b> .....	<b>30</b>
<b>8</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>34</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Angola, cuja capital é Luanda, é um país no sul da África com uma extensão territorial de 1.247.000 km. Oficialmente, designada República de Angola, país da costa ocidental de África, cujo território principal é limitado a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. A ex-colônia portuguesa conquistou sua independência em 1975. Atualmente, tem uma população estimada em 33.086.278 de habitantes (INE, 2022). Importa destacar que Angola é constituída por uma diversidade de povos.

“Angola é um mosaico de diferentes grupos étnicos e tipos humanos. Do ponto de vista sociolinguístico, ela é uma sociedade heterogénea” (LUANSI, 2003. p.2). Assim sendo, “os principais grupos étnicos de Angola são: bacongos, kimbundos, ovimbundos, lunda-quioico, ganguela, nyanekahumbe, herero e ambo ou ambundos” (SILVA, 2010 p. 14).

Ainda que marcada pela presença muito grande da população Bantu, resultado da invasão Bantu na África Austral, existe em Angola a presença de grupos não Bantu, como os Khoisan que se encontram em lugares pequenos no leste e sul do país até os dias atuais, como pontua Zau (2002).

Os Bantu, vindos da região dos Camarões, progrediram lentamente pela África Central, oriental e Austral. A migração destes primeiros agricultores, no espaço de Angola, tomou três direções, a saber: pelo Norte, descendo os rios e a costa, atravessando o Baixo Zaire; pelo oriente e pelo Nordeste, ao longo do Zambeze e do Planalto do Catanga e, finalmente, pelo Sul, desde o norte do Calahari até às terras do sudoeste de Angola. Esta movimentação decorreu ao longo de muitos séculos, acabando por ir dando corpo às diferentes etnias que se distribuem pelo território (ZAU. 2002. p. 38).

Dentro do plano geográfico, considerando os limites territoriais, recursos naturais e hídricos, Angola goza de uma grande potencialidade devido aos seus grandes rios e com uma presença considerável de grandes minerais, cujo a extração do petróleo, gás natural e diamante formam a base da economia do país. Não obstante, “podemos afirmar que, durante os anos 60, Angola foi particularmente um armazém de matérias-primas e de produtos primários e um mercado dos produtos semitransformados da economia metropolitana” (SILVA, 2010. p. 16).

Luanda é a província mais populosa do país com 7.976.907 habitantes, segundo as projeções populacionais feitas pelo INE em 2018, Luanda é também o principal centro financeiro, comercial e econômico de Angola. Com efeito, por questões administrativas e políticas, Luanda tem sido o epicentro da vida econômica do país, justificando a presença

das sedes das principais empresas do país como: Angola Telecom, Unitel, Endiama, Sonangol, Linhas Aéreas de Angola, Movicel e Odebrecht Angola, além das gestoras do mercado financeiro angolano - o Banco Nacional de Angola e a Bolsa de Dívida e Valores de Angola (Figura 1).

Isso posto, talvez justifique o estudo feito pela empresa de consultoria Mercier que coloca Luanda como a cidade mais cara do mundo, em uma pesquisa feita em 2011, levando em conta diversos fatores como preços dos transportes, dos bens e serviços e do lazer. A cidade é a mais desenvolvida de Angola e o único grande centro económico do país.



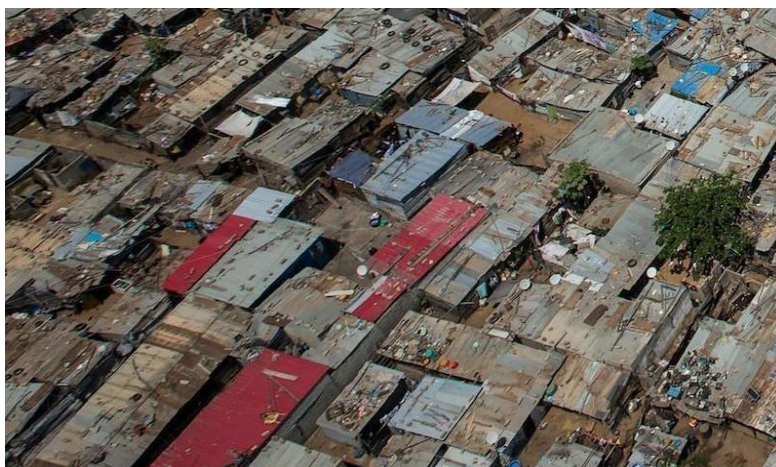
**Figura 1:** Bahia de Luanda, fonte: Expresso 50, 2017.

Vale a pena mencionar, no entanto que, os musseques que prolongam Luanda muitos quilómetros para além da antiga cidade, como resultado de várias décadas de conflitos armados, agravaram o aumento da desigualdade social e a corrupção generalizada. Os aspetos mencionados transformam os “musseques de Luanda, assentamentos de carácter informal localizados maioritariamente nas áreas periurbanas da cidade, se tornem a representação física da segregação social no espaço urbano desta cidade capital” (BETTENCOURT, 2011).

Os *musseques* que prolongam Luanda em muitos quilómetros da antiga cidade, não desfrutam de grandes estruturas escolares que possam corresponder ao grande número de crianças e adolescentes fora do circuito escolar (Figura 2).<sup>1</sup> Destarte, em algumas localidades de Luanda as crianças chegam até a sexta classe na chamada explicação.

---

<sup>1</sup> A explicação é o lugar que alguém com qualificação não comprovada abre, geralmente em sua casa um lugar para dar aulas em crianças.



**Figura 2:** Bairro de Lata - boa vista. Fonte: @ilídio daio, 2020

O presidente do movimento dos estudantes angolanos Francisco Teixeira, concedeu uma entrevista à RTP África onde abordou a greve dos professores em Luanda. Teixeira destacou o seguinte:

[...] Existe em Angola 19 mil salas de aula debaixo de árvores, não se admite isso num país com riquezas, isso é inacreditável, porque as crianças não são animais. Você tem em Angola escolas sem carteiras. Onde já se viu num país sério colocar uma criança das 7 às 12 horas sem água, sem comida, e do outro lado nas escolas portuguesas, escolas francesas onde estudam os filhos dos governantes têm tudo, a educação deveria ser a porta para terminar com a desigualdade e não o contrário. Educação deveria ser um projeto de nação de não projeto de um partido político.

Há muitos casos de lotação das turmas, eu mesmo já estudei em uma escola em que, minha sala prevista para albergar 45 alunos apenas, chegou a ser preenchida por mais de 90 estudantes, dentro do circuito escolar convivemos com uma certa normalidade com casos de corrupção, no sentido de que não se falava, mas sabíamos que quase a maioria que estava matriculado na escola, os seus pais precisaram pagar/corromper alguém do corpo diretivo da escola. Fato esse comprovado pela revista Gazeta do povo. “[...] há relatos de que as famílias podem comprar a aprovação, a um custo de aproximadamente US \$100, enquanto, em algumas cidades, uma vaga na escola pode custar, em propina, mais de US\$ 350 (Gazeta do Povo, 26/07/2019, 11:01)”. Na mesma escola, frequentei a sétima, oitava e a nona classe. Minha mãe teve de pagar 20 mil kz (aproximadamente 200 reais) para que eu fosse matriculado, apesar de em Angola a educação ser gratuita - *de per si*, esse fato configura corrupção, ciente



estávamos que esse era o jeitinho angolano de lidar com a coisa pública.

A saúde em Angola apresenta muitas dificuldades, começaria por dizer que por não existir um sistema de saneamento básico (BEU, 2017) nos musseques e em quase todo território angolano, os luandenses ainda sofrem com doenças que em outras realidades do continente já estão erradicadas. A febre amarela, por exemplo, que atingiu o país em 2016, trouxe à tona a vulnerabilidade do sistema de saúde colocando o mesmo em colapso, mas isso se dá pelo pouco investimento e a pouca atenção que a educação recebe do Orçamento Geral do Estado (OGE).

No período de 1997 a 2001, a despesa do Estado com a saúde foi de 3,3% do produto interno bruto (PIB), enquanto a média dos países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) foi de 7,2%. Do total, mais de 50% foram destinados ao nível secundário e a unidades centrais (OLIVEIRA e ARTMANN, 2009. p. 753).

A situação de 2001 aos dias atuais não se mostra muito diferente no que tange ao investimento que se faz na saúde. Atualmente, a média dos países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral é de 20% para educação, porém no Orçamento Geral do Estado de 2021 para área social que engloba saúde e educação foi apenas de 19%. É diante dessa realidade social angolana, a qual a sociedade civil se pronuncia, manifestando-se contra o sistema de governação (Venâncio, 2012).

Não chores mãe, não chores  
eu sei que lágrima é uma expressão da dor  
ficar sem comer, dar gasosa no diretor?  
pobres não foram feitos para cheirar flores...  
ela respondeu!

Ela ainda não superou a morte da Lulu  
que morreu no hospital nos seus braços  
em 2016 durante a febre amarela  
em casa, parece que a felicidade foi com ela.

A fome consumiu minha mente  
a frustração beira na ponta da língua  
o que eu sentia quando via aquela família  
pedindo esmola agora um gajo já não sente, queria.

Me tornar insensível ao outro  
é me tornar insensível a mim  
quando soube que meu irmão mais novo não vai estudar  
senti medo do que senti então é assim?

Hoje o biscato não deu muito certo  
pareceu que todos os carros estavam limpos  
Hoje o negócio não andou mano, falou minha mãe  
já começo a pensar no que não é certo.

No país de sujós é difícil se manter limpo  
mas hoje limpo o prato, mas bem limpinho  
por mais que tenha sido o mesmo quase a semana toda  
eu gosto de massa com pescocinho  
na verdade, não gosto é o que tem  
é o que vem.

Poema de Belchior Reis Camela (2023).

O poema expressa o viver angolano nos musseques. Lugar onde se convive com a miséria. Com o poema quero expor o conflito emocional que vive o indivíduo, diante da insensibilidade que se desenvolve no processo da naturalização do sofrimento. A mãe é esse sujeito lírico que representa a dor da incerteza do futuro do filho, o representante justo de um novo alvorecer, um novo amanhã. A dor de que falo está também associada à expressão **“ché cadengue não fala política”**. Crescemos ouvindo nossos pais, principalmente as nossas mães, pedindo para não reclamarmos de direitos básicos. Na calada da noite, vigiando nossos sonhos e pesadelos, as mães pediam: **“ché cadengue não fala política”**.

**“ché cadengue não fala política”** é uma categoria êmica que englobam palavras da gíria angolana do Umbundo e do Kimbundu - **“Ché”** é uma interjeição que varia dependendo do contexto mas que neste aspeto expressa o sentido de advertência, seu sinónimo nesta situação seria **“cuidado!”**, **“Cadengue”** é uma palavra de origem Kimbundu, porém são junções de duas palavras uma do Umbundo falado pelos Ovimbundos, povos que se encontram no sul e centro do sul de Angola e o quimbundo, língua falada pelos povos Ambundos que se estendem de Luanda capital até ao leste do

país. “Ca” é o grau diminutivo na língua Umbundo e *ndengue* é menino, rapaz, jovem no quimbundo, assim sendo “*Cadengue*” seria neste caso é uma expressão que significaria algo como “mais novo”, uma categoria semelhante à palavra jovem em língua portuguesa, mas dependendo de quem fala, pode significar uma categoria abaixo de jovem, como são os casos de menino e de mais novo.

## 2 JUSTIFICATIVAS

Um das principais razões que me motiva escrever sobre a repressão política em Angola é com certeza a herança política que carrego da minha família, mais propriamente do pai. Meu pai foi secretário regional da UNITA na província do Huambo e um dos quadros do partido na mesma província. Durante a guerra civil sofreu perseguição política, capturado em 1998. Foi constituído preso político em uma prisão subterrânea no planalto central de Angola. Cresci em um ambiente muito político. Meu pai é um político que não exerce publicamente o ofício e meu irmão um jurista que no período da sua formação superior tinha posicionamentos prol MPLA. No ensino médio, fazendo um curso voltado para ciências sociais, me preparando para estudar direito na universidade, vi-me envolvido em discussões voltadas à política. Tais discussões eram constantes em casa e nos locais onde frequentava.

Outra motivação em pesquisar sobre a situação do ativismo juvenil em Luanda, emana de um posicionamento crítico de como o Estado angolano lida e gere a presença de pensamentos destoantes ao discurso do dia. Pensamentos críticos à atuação do Estado. Este posicionamento surgiu durante meu ensino médio todo, eu estudava em um colégio cujo dono era ligado ao MPLA. Os professores sentiam que seria um ato de deselegância falar contra o governo dentro do colégio, temendo, deste modo, a perda do seu trabalho.<sup>2</sup>No final do ensino médio em 2018 tive uma conversa com um dos constituintes do grupo 15+2 de aproximadamente meia hora, onde relatou a tortura que ele e seus companheiros sofreram na prisão, seguidas de violências psicológicas e ameaças que colocavam suas famílias em um grande risco de vida.

Outro motivo que me impulsiona escrever sobre este assunto, é o modo como é feita a manutenção do medo estrutural do ponto de vista das instituições (JUNIOR, 2019). O excesso de força da polícia nacional nas manifestações, a maneira partidária que a mídia hegemônica, como são os casos da Televisão Pública de Angola (TPA), TV zimbo, Rádio Nacional de Angola (RNA), Jornal de Angola (JA), tomam para si o ativismo juvenil, silenciando-se sobre as torturas e outras atrocidades do Estado, noticiando as manifestações como, arruaças, ato de vandalismo, como se em Angola não existisse necessidade de ativismo social, colocando, desse jeito, os jovens ativistas na posição de frustrados e ameaças à democracia angolana, e que, portanto, devem ser combatidos exercendo assim um papel “de maneira contrária, através de ataques e omissões que

---

<sup>2</sup> Eu tive essa conversa com o ativista Inocêncio Antônio de Brito em 2016. Ele fez parte do grupo de presos políticos denominado 15+2 em 2015. Nessa altura eu estava no último ano do ensino médio.

desrespeitam os valores humanos invisibilizando as lutas sociais por determinados direitos e que, também promove intolerância (MOREIRA, 2020)”. Em suma, nosso trabalho é de bastante relevância para compreender o papel dos jovens ativistas no processo de democratização do país e entender a história política de Angola. Ademais, quando falamos de ativismo juvenil, não estamos nos referindo a um protagonismo político dos jovens ativistas como ouvi uma vez de um amigo que defendia o Estado, mas da luta pela liberdade de expressão dos angolanos. Escrever sobre este tema é dar visibilidade à luta dos jovens ativistas que, conseqüentemente, é a luta do povo. Destarte, é desconstruir a falaciosa ideia de que o governo angolano na pessoa do MPLA convive em harmonia com a juventude do país. Dentro do plano acadêmico o presente projeto de pesquisa pode contribuir, se tornando referencial teórico, para estudos angolanos sobre a temática em questão. Ciente da dificuldade que é fazer estudos como esse viés literário crítico ao Estado Angolano.

### 3 DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DA PESQUISA

No presente projeto, procuramos compreender o que é a expressão (categoria êmica) *Ché cadengue não fala política* dentro da realidade social e política em Angola, especificamente em Luanda. Nessa esteira, estudaremos a repressão política que os jovens ativistas sofrem por exercerem o direito a manifestação consagrada pela constituição da República de Angola, em seu artigo 44.

44. Todos têm o direito de exprimir, divulgar e compartilhar livremente os seus pensamentos, as suas ideias e opiniões, pela palavra, imagem ou qualquer outro meio, bem como o direito e a liberdade de informar, de se informar e de ser informado, sem impedimentos nem discriminações. (Constituinte, Assembleia. "Constituição da República de Angola." Consultado a 11 (2010): 265-286).

Tendo em conta que em quase todas as manifestações pacíficas e marchas realizadas em Luanda existe um exagerado uso de força por parte da polícia e uma contínua e escancarada violação dos direitos humanos, perseguição e mortes, existe, portanto, um tecido social em Angola o qual se faz necessário questionar o direito à vida e à liberdade expressão.

Nosso objetivo aqui é complexificar o debate político sobre ativismo dos jovens angolanos a partir da categoria êmica “*Ché cadengue não fala política*”. Destarte, enfatizamos o papel do MPLA neste cenário como partido que dirige Angola desde a sua independência até os dias atuais, fazendo uma comparação dos jovens que um dia foram os responsáveis pelo ativismo anticolonial que, hoje constituem a liderança do país, em relação aos jovens envolvidos com o ativismo social de Angola independente, desde 2011 aos dias atuais.

Este estudo procura entender o esforço do Estado no processo de silenciamento ao ativismo juvenil, partindo do pressuposto de que o Estado parte do lugar do monopólio do uso da força, neste sentido se faz necessário questionar como coloca Iracema Dulley “no entanto, qual seria o Estado que propõe um debate sobre seus próprios privilégios?” (DULLEY, 2019. p. 304). Acrescento, qual é o Estado que propõe um debate ao povo que oprime?

#### **4 HIPÓTESES**

**H<sub>1</sub>:** A violação dos direitos humanos em quase todas as manifestações pacíficas, demonstra se tratar de um Estado que reúne esforços para que não se revele, a nível nacional e internacional, das atrocidades perpetradas ao seu povo.

**H<sub>2</sub>:** O controle por parte do Estado da imprensa nacional direciona para um governo que manipula as informações a fim de construir uma boa imagem de si mesmo.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 Objetivos gerais**

- Compreender a repressão política que os jovens ativistas sofrem por exercerem o direito a manifestação consagrada pela constituição da República de Angola de 2011 aos dias atuais.

### **5.2 Objetivos específicos**

- Discutir a origem do “*ché cadengue* não fala política”;
- Analisar o papel dos jovens no ativismo social em Angola;
- Explicar a origem do ativismo em Angola.



## **6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A história política de Angola pós-colonial é caracterizada pelo derramamento de sangue (MUSSUNDA, 2021), desde a sua colonização, o período de luta armada, independência e guerra civil. Existe um povo que se viu livre da opressão colonial, perdendo pais, amigos, irmãos, um povo que viu a retirada do opressor colonial e em seguida conviveu com um Estado monopartidário “que iniciou uma perseguição política a seus adversários e a sociedade civil” (SILVA, 2021). Assim sendo, iremos contextualizar de forma sucinta esta opressão no que tange à repressão política aos jovens.

### **6.1 Luta armada**

Importa destacar que Angola se tornou independente em 1975. No entanto, o ativismo armado desencadeado inicialmente pela União das Populações de Angola (UPA), mais tarde Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA), começa em 1960. Esses movimentos ficaram conhecidos como luta armada. A guerra teve início em 1961 “com a luta dos movimentos de libertação de Angola contra um invasor externo, Portugal, seu imperialismo e seu colonialismo brutal” (KAPOCO, 2020. p. 67).

Durante os treze anos de luta colonial travada por Portugal (1961-1974), apenas três movimentos foram destacados, a FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola; o MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola; e, mais tarde, a UNITA - União Nacional para Independência Total de Angola. Foram esses movimentos que lutaram contra o colonialismo português; porém, ainda que todos os movimentos tivessem por objetivo a libertação de Angola, existiam divergências entre eles, as quais, depois da Proclamação da Independência, levariam à guerra civil que durou vinte e seis anos. (SILVA, 2010. p. 2).

### **6.2 Os movimentos de libertação e o papel dos jovens**

#### **6.2.1 FNLA**

Sendo o primeiro movimento de libertação anticolonial em Angola, foi um dos grandes responsáveis da investida na baixa de Cassanje, este episódio escancarou a capacidade de mobilização que o FNLA tinha entre os jovens. Os jovens desempenharam um papel importante na formação do partido, concedendo aos mesmos bolsas de formação militar e não só. Através das relações que Holden tinha com outros Estados como Gana,

o ex-Congo Belga (Silva,2010), o FNLA era formado por jovens, seu líder Holden Roberto com apenas 31 anos de idade estava à frente do movimento.

A Frente Nacional de Libertação de Angola foi criada, no dia 10 de outubro de 1954, com o nome de UPNA (União dos Povos do Norte de Angola) e teve na sua origem uma designação de carácter regional, era baseada na etnia Congo, sendo liderada por Holden Roberto. O líder carismático da FNLA, Holden Roberto, em 1957, conheceu na cidade de Acra (capital do Gana) Kwame N'krumah, que se tornou seu grande amigo e parceiro na luta pela independência de Angola. Após este encontro, a UPNA tornou-se, em 1958, em UPA (União dos Povos de Angola), deixou de ser um movimento de carácter regional, procurou ampliar a sua actuação dentro do território angolano, e fazia frente ao MPLA que tinha um carácter nacional muito expressivo. Em 1958, a UPA esteve presente na Conferência dos Povos Africanos, realizada em Acra. “Nesta ocasião, o líder da UPA, Holden Roberto, conheceu Patrice Lumumba (líder da luta de independência do Congo Belga) que de imediato reconheceu a UPA como partido político angolano e autorizou a utilização da emissora de rádio de Leopoldville para a propaganda de Holden Roberto e a publicação do seu jornal com o «A Voz da Nação Angolana»” (Felgas, 1968, p.68). Tanto a UPA como o MPLA, no início dos anos 60, passaram a exigir a independência imediata de todo o território angolano. Neste momento da história, passou para a luta armada, em busca da descolonização de Angola. Nota-se, neste período, um conflito existente entre a UPA e o MPLA, pois os líderes da UPA possuíam menos instrução do que os chefes do MPLA, que os denominavam simplesmente de comunistas, alimentando uma “Guerra Fria” entre os dois movimentos. (SILVA, 2010. p. 19).

Álvaro Holden Roberto por exemplo torna-se líder da União das Populações do Norte de Angola (UPNA), o que mais tarde veio a ser Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), apenas com 31 anos de idade liderando também Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE) (Figura 3). A figura de Holden Roberto é importante para a gente entender o processo de libertação de Angola da presença do colonizador português no território nacional, porque ele foi o líder e criador do primeiro movimento de libertação.



**Figura 3:** Holden Roberto, Fonte: [GaHetNa \(National Archief NL\)](#), 2022.

Em 1962, criou a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), da qual se tornou presidente. Esta organização constituiu o Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), onde Jonas Savimbi surge como ministro dos Negócios Estrangeiros. Holden Roberto manteve sempre uma estreita ligação com Mobutu<sup>24</sup>, presidente do Zaire, país em que se instalaram as bases do movimento. Embora tenha recebido armas dos países de Leste, a sua ligação privilegiada foi sempre com os EUA, que lhe pagam uma avença anual e fornecem conselho técnico, inclusive com a presença de agentes nas suas bases (SILVA, 2010. P. 23).

Dentro da estrutura do FNLA a figura do jovem, assim como nos outros movimentos de libertação, é crucial, pois não tinha como fazer uma revolução, um ativismo armado da magnitude da libertação de um país colonizado sem os jovens guerrilheiros (Figura 4).



**Figura 4:** Campo de treino da FNLA na província do Zaire; Fonte: [Coleção de fotos Anefo](#), 1973.

### 6.2.2 MPLA

Com um plano ideológico mais abrangente que os outros partidos, o MPLA tinha um apelo de libertação e unidade de todos os povos do território nacional como aponta

SILVA (2010). Figuras como a de Mário de Andrade, Lúcio Lara, Nito Alves desempenharam um papel importante na formação do partido e na mobilização de jovens para formação de guerrilheiros, concedendo a estes bolsas de estudos para formação de quadros.

De acordo com a versão oficial divulgada pelo MPLA, o movimento foi criado em 10 de dezembro de 1956, e era chefiado pelo poeta Mário de Andrade, em Luanda, após a unificação do Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUA) com outros grupos patrióticos ocultos, entre eles o Movimento de Independência Nacional Angolano (MINA) e o partido Comunista Angolano (PCA)” (Melo, 1988, p. 267). O MPLA foi constituído com o objetivo de obter uma finalização urgente da dominação portuguesa em Angola, através dos seguintes pressupostos: Reconhecimento solene e imediato do povo angolano à autodeterminação; amnistia total e incondicional e também libertação imediata de todos os presos políticos; estabelecimento das liberdades públicas; retirada imediata das forças armadas portuguesas e liquidação imediata das bases militares existentes em território angolano; convocação, de uma mesa redonda formada por representantes de todos os partidos políticos angolanos e por representantes do governo português, com vista à solução pacífica do problema colonial de Angola (CECA-1998). Em 1962, António Agostinho Neto ausentou-se de Portugal e juntou-se à direção do MPLA, que tinha sido transferido para Leopoldville, (atual Kinshasa, capital da República Democrática do Congo). Mário de Andrade cedeu então da presidência do MPLA em favor de Agostinho Neto, naquele tempo a figura carismática mais expressiva do nacionalismo angolano. (SILVA, 2010. p. 21)

Os primeiros passos do percurso político de Agostinho Neto levam-nos de Kaxicane a Lisboa, passando por Luanda, Malange, Bié, Coimbra e Porto. António Agostinho Neto nasceu em Kaxicane, município de Catete, (LUÍS, 2021) (Figura 5). Na Casa dos Estudantes do Império depois do contacto com ativistas anticoloniais acaba fazendo parte de um grupo de ativistas que disfarçava o seu ativismo em Portugal como Luís aponta (2021).

O grupo, convicto dos seus objetivos políticos, disfarça o seu ativismo no quotidiano metropolitano em atividades ditas de pensamento. Aparentemente, as suas intenções passam pelas atividades recreativas, culturais e académicas. Três núcleos — a Casa dos Estudantes do Império, o Centro de Estudos Africanos e o clube (LUÍS, 2021. P. 20).



**Figura 5:** António Agostinho Neto. Fonte: Embaixada da República de Angola em Portugal.

Com apenas 22 anos viaja para Portugal em 1947, a fim de frequentar a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Em Coimbra torna-se um dos fundadores da secção da Casa dos Estudantes do Império (CEI). Sua chegada a Portugal foi uma verdadeira ponte de contacto com outros indivíduos e que pensavam na libertação de seu povo, o desejo pela liberdade de seus povos era o expoente máximo para Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mário de Andrade, Humberto Machado, Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo e Francisco José Tenreiro, um grupo de ativistas revolucionários (LUÍS, 2021.), a chamada geração Cabral. Tornou-se no primeiro presidente de Angola livre em 1975 até 1979 e morreu no mesmo ano vítima de doença.

Nito Alves um dos fundadores do MPLA, foi uma figura importante na história do MPLA onde chegou a desempenhar funções como ministro do interior. Durante a luta armada ele era o responsável em armar populares dentro dos vários bairros em Luanda (MARQUES,2011), estes populares eram constituídos na sua maioria por jovens.



**Figura 6:** 2ª Região Militar - Guerrilheiros. Job Manuel Francisco «Lumumba» e João Lourenço «Mumba» entre outros. Fonte: Arquivo Lúcio Lara, 1966.

### 6.2.3 UNITA

A UNITA foi com certeza no que toca a mobilização de jovens. Um dos partidos com um engajamento muito grande, com boa parte dos seus quadros saídos do FNLA incluindo seu líder Jonas Savimbi (Figura 7). Na UNITA os jovens tiveram um papel importante para os planos internos do partido e da guerrilha durante a luta colonial. Porém, a UNITA, tem uma característica que o diferencia, tendo “seguidores muito leais, criando nos pós-independência, um Estado dentro do Estado, uma sociedade dentro da sociedade” (BECK, 2009. p. 1.).

A União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) teve origem no interior da FNLA, por intermédio de Jonas Savimbi, ministro dos negócios estrangeiros da GRAE, no qual reteve contatos privilegiados com organizações políticas e religiosas. “Em 1964, Jonas Savimbi decidiu demitir-se e o fez declarando que a oposição da FNLA aos portugueses tinha aparentemente desaparecido, referindo que Holden Roberto e seus homens, do ELNA, tinham definitivamente parado a guerra (Freitas, 2000, p.110). Deste modo, após um pequeno período de incertezas, Jonas Savimbi surpreendeu por optar por um caminho próprio ao anunciar, no dia 15 de março de 1966, o surgimento de um movimento novo de libertação, a UNITA. O corpo político da UNITA teve, como seus fundadores alguns elementos da FNLA, que, junto com o seu líder principal, Jonas Savimbi, estavam em discordância com a direção política de Holden Roberto. A Unita obteve forte apoio da população da província do Huambo, na região central de Angola, com imensa participação da etnia ovimbundo, que eram empregados no recrutamento de homens para as forças armadas da UNITA, conhecidas como FALA (Forças Armadas de Libertação de Angola). (SILVA, 2010. p. 24).



**Figura 7:** Retrato de Jonas Savimbi tirada em Friburgo. Fonte: Arquivo Lúcio Lara, (1962).

Jonas Savimbi, com apenas 32 anos, cria e torna-se presidente da UNITA em 1966, depois de passagens pela FNLA. Com suas relações estritas com a China, EUA entre outros, conseguia bolsas para formação de quadros e de jovens guerrilheiros do seu partido (Figura 8).

Jonas Savimbi foi um político angolano, fundador da UNITA, nasceu no dia 3 de agosto de 1934 e faleceu em 22 de fevereiro de 2002. Frequentou o sétimo ano do liceu Passos Manuel, em Lisboa, de onde saiu em 1961 apoiado por uma organização protestante América, que dirigia jovens estudantes para o escritório da UPA em Paris. Como funcionário da UPA, em 1961, Movimento que era liderado por Holden Roberto, Savimbi desempenhou as funções de Secretário-geral e chegou a ser ministro do GRAE (SILVA, 2010. P. 19).



**Figura 8:** Jovens guerreiros da UNITA. Fonte: AFP, 1975.

É importante ressaltar que todos estes movimentos de libertação foram criados por jovens ativistas políticos, ativistas independentistas que apesar das divergências ideológicas todos estavam sendo guiados pelo desejo ardente de ver Angola livre da

opressão imperialista portuguesa. Os três principais nomes do ativismo armado, em um momento histórico uniram-se apesar da diversidade em prol de uma Angola livre. Dentro da conjuntura dos movimentos de libertação, a presença dos jovens é um facto que amplia a discussão em torno do presente trabalho, pois são jovens que abraçaram o ativismo armado, impulsionados pelo desejo e sonho de ter uma Angola livre da opressão colonial.



## 7 MEMÓRIA HISTÓRICA DE CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO POLÍTICO DOS JOVENS EM ANGOLA

Antes de entrarmos para aquilo que vai ser considerado como “primavera árabe” em Angola, é importante sublinhar que antes de 2011 já havia perseguição, tortura e morte por parte do Estado contra aqueles pensavam diferente ou denunciavam os desserviços e atrocidades do Estado, como é o caso de Fernando Ricardo de Melo Esteves, jornalista e diretor do “Imparcial Fax”, morto em 1995 por ter feito denúncias de corrupção e abuso de poder contra o regime angolano (KAPOCO, 2020), Mfulupinga N’lando Víctor deputado e líder fundador do PDP-ANA morto em 2004. Havia muita denúncia da má governação na camada artística angolana antes de 2011, artistas como Brigadeiro 10 Pacotes, MC K, Iconoclasta MC, Kid MC, entre outros, fazendo um rap de intervenção social. Kid MC lançou seu último em 2010, intitulado “Incorrigível”. Marcou uma geração de rap, abordando aspectos sensíveis do Estado angolano.

<sup>3</sup>A 7 de março de 2011 começava em Angola uma onda de manifestações inspiradas na Primavera Árabe – os protestos e revoltas populares iniciados no Médio Oriente e no norte de África em 2010. Os angolanos saíram às ruas para pedir a destituição do Presidente Eduardo dos Santos e do seu regime. Os protestos foram violentamente reprimidos pela polícia. Vários ativistas, apelidados pela imprensa de “Movimento Revolucionário”, foram detidos e sujeitos a maus-tratos nas cadeias de Luanda [...]. A 23 de fevereiro de 2011, um cidadão anónimo convocou, através do Facebook, uma manifestação contra o Governo de Luanda para a madrugada de 7 de março deste ano. Segundo Coque Mukuta, essa pretensão tornou-se pública com o apelo feito pelo rapper e ativista Luaty Beirão num espetáculo em Luanda. A manifestação convocada para o Largo 1º de Maio, no centro da capital angolana, não se chegou a realizar. No entanto, a polícia deteve vários ativistas, como Casimiro Carbono e Luaty Beirão. E também jornalistas, entre os quais Ana Margoso, Afonso Francisco, Pedro Cardoso e Idálio Kandé. Menos pacífica foi a manifestação de 3 de setembro de 2011. Os manifestantes que exigiam nas ruas a renúncia do Presidente José Eduardo dos Santos foram violentamente reprimidos pela polícia. Foram detidos, julgados e condenados a penas entre os 40 e os 90 dias de prisão. Elementos não identificados também raptaram ativistas e intimidaram jornalistas, incluindo profissionais da Televisão Pública de Angola (TPA). M’banza Hamza lembra que a repressão foi condenada por organizações internacionais como a Human Rights Watch. A partir de 3 de setembro de 2011, tornam-se frequentes as detenções de manifestantes. E também a intimidação. As casas dos contestatários foram invadidas muitas vezes. E materiais como computadores foram apreendidos por homens desconhecidos. “Invadiram a casa dos meus pais. Bateram à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã, quando eram duas horas da manhã. Eles foram para me executar. A sorte é que eu não estava em casa”, contou à DW o jovem activista Nito Alves (DW, 27/02/2017)

---

<sup>3</sup> “Primavera Árabe é um fenómeno que eclodiu no Oriente Médio e norte da África, nos anos 2010/2011, quando a sociedade civil se rebelou contra a opressão e corrupção dos ditadores dos seus países (SILVA, 2013)”. Este fenómeno chegou em Angola em 2011, quando os jovens manifestaram contra o partido no poder e exigiam a renúncia da presidência de José Eduardo dos Santos, na altura presidente de Angola.

Desde 2011, ainda na governação de José Eduardo dos Santos aos dias atuais, no mandato de João Lourenço, a ex Divisão Nacional de Investigação Criminal (DNIC) atual Serviço de Investigação Criminal (SIC), o Serviço de Inteligência e Segurança do Estado (SINSE) e o serviço secreto olharam para as manifestações como uma situação de guerra, a luz deste cenário se tem combatido violentamente os opositores do Estado, nomeadamente os integrantes do movimento revolucionário. A repressão seguiu com táticas fora do contexto das manifestações. Perseguição nas casas dos manifestantes, desaparecimento e assassinatos como exposto na matéria do dia 27 de dezembro de 2013, 15:56h do jornal A ESQUERDA.

Se o governo de Angola tinha a esperança de ocultar os seus ataques violentos contra manifestantes pacíficos, não conseguiu fazê-lo," afirmou Daniel Bekele, diretor de África da Human Rights Watch. "Agentes do governo usaram força desnecessária contra manifestantes pacíficos e, de seguida, tentaram impedir os jornalistas de noticiar a situação. (HRW, 7 dezembro, 2011 11:38AM).

## **7.1 Caso prático de violência e abuso de poder da polícia nacional (depoimento de Laurinda Gouveia)**

<sup>4</sup>O que estás tu a fazer? - Estou a filmar porque não é certo a polícia bater às pessoas pura e simplesmente por elas estarem a manifestar-se. - Quem és tu? Tens algum documento que te autoriza a fazer fotografias? - Não, não tenho documento nenhum. Imediatamente, o comandante agarrou-lhe no braço. Logo depois veio um senhor vestido a civil que lhe deu uma chapada na cara, com o polícia a olhar e a segurar a mão de L.G. Temendo que lhe tirassem o telemóvel, tentou ir à Praça da Independência e se manifestar com mais ímpeto, mas a atenção de toda a corporação da polícia se voltou contra ela ao ponto de esquecerem-se dos manifestantes. Então, L.G. foi arrastada para o asfalto pelo cabelo. Ela gritava e pedia socorro. Fazia muita força, pois sabia que se fosse levada as consequências seriam piores. Mas apesar da relutância e trabalho, ela foi posta na viatura algemada e transportada para a esquadra de polícia. Enquanto iam à esquadra, no meio da viatura de carroçaria envolta por polícias armados, ela pensou que não fosse acontecer nada com ela como da última vez e que haveria um procedimento formal. Todavia, ela verificou depois que foi levada para a Escola 1º de Maio onde havia outras viaturas da polícia e ali mesmo começou a ser fortemente agredida com ferro, mangueira, com paus nas pernas. L.G. pedia desculpas, todo tipo de perdão, na esperança de que seus algozes tivessem compaixão e a deixassem ir, pois nunca pensou que chegassem àquele ponto limite com uma mulher indefesa e lembrou-se, naquele momento de tormento e violência, das palavras do seu primo, que sempre lhe dizia: - Tu, às vezes, vais nas manifestações e pensas que por seres menina não vão te fazer nada, mas vai ter um dia mesmo que vão te pegar, você vai ver. E o vaticínio do primo se cumpriu, foi algemada e espancada embora indefesa. E eram os próprios comandantes, pois os oficiais estavam ao redor a assistir à surra que L.G. tomava, como se a partir do mais alto escalão hierárquico emanasse a lição de como deve ser feito o uso do poder. A polícia voltava ao Primeiro de Maio, pegava as pessoas que passavam e levavam-nas para a escola 1º de Maio onde L.G. se encontrava. Perguntavam-lhe se essas

---

<sup>4</sup> Este depoimento foi retirado na tese de mestrado de Kapoco, Fernando dos Anjos. "Autoritarismo e Democracia em Angola: os desafios que o caso 15+ 2uas impôs à Constituição de 2010." (2020).

peessoas eram colegas seus e ela respondia que não as conhecia, nunca as tinha visto. A polícia que parecia não ouvir, agredia também esses transeuntes. E foram batendo, batendo, batendo. Depois de 45 minutos, apareceu o Comandante João Miala. Quando viu L.G., disse-lhe: - Outra vez você aqui?! - Chamou-lhe nomes, xingando e disparando - quem você pensa que é nesse país, que você acha que tem que vir aqui criar distúrbios? - Tio, por favor, desculpa - Ele também pegou o pau e o ferro e agrediu por sua vez L.G. - tio, desculpa, nunca mais vou vir aqui no 1º de Maio porque não sabia que isso era assim. Na sequência, um dos comandantes ordenou que a pusessem no chão. Apareceu um outro senhor que, aparentemente, ia ajudar e perguntou à L.G.: - L.G., tu me conheces? - Não, não conheço o senhor. - L.G., tens certeza que não me conheces? - Tenho certeza. Não conheço o senhor. - Então, hoje vais me conhecer - E pegou o chicote de ferro e bateu-lhe por sua vez, vezes sem conta, enquanto L.G. pedia perdão, com as lágrimas já escassas, quase inexistentes, dizendo: - Perdão. Eu sou da Igreja Sagrada Família, por favor não me façam isso. Eles foram batendo mais ainda, não tiveram qualquer piedade, levando L.G. a concluir que eles não eram pessoas nem animais. Não tinham sensibilidade nenhuma e, naquele momento, ela teve a certeza de que queriam matá-la, pois a surra era demasiada. E naquela de puxa não puxa, L.G. mordeu um dos comandantes e este, imbuído de muita raiva, disse-lhe: - Essa puta vende churrasco aqui no Cassenda e é melhor sair já daí onde você vive, porque nós vamos te matar, nós quando te apanharmos em mais uma manifestação - e vamos te aconselhar já para sair do Cassenda -, nós vamos te matar, já não vamos te bater mais, vamos te matar mesmo. E continuaram a bater enquanto alguns faziam as filmagens e as fotografias. Mais tarde o corpo já estava todo manchado de sangue e ainda bem que L.G. vestia calças, pois segundo ela, se estivesse de saia seriam mesmo feridas e não seriam só inchaços de sangue. Mais tarde mandaram-lhe virar e começaram a bater-lhe no rabo (bunda) com porretes, paus e ferros, até que dessem 18 horas. Depois L.G. foi interrogada. - Quem vos manda? E por que que vocês fazem isso? Qual é o partido que anda vos mandar? - Não, não há partido nenhum. - Fala lá o nome dos teus amigos, quem é o líder? - Não, os meus amigos [são] o Mbanza Hanza e tem o Luaty Beirão - mesmo assim eles não se deram por satisfeitos. - Não, você hoje vai ter que contar toda verdade. Vocês são quantos? - Não, nós somos muito. Somos ativistas e existem vários grupos. Existe o MM, existe o MR [Movimento Revolucionário], então, nós somos muitos. - Vocês estavam lá a animar, onde é que foram o Afonso Campos e o Nito Alves? - Eu não sei, mas eu lhes vi lá. Mas, eu não sei onde é que eles foram. E foram batendo, batendo, batendo, fazendo interrogatório. E depois de terminarem, eles mandaram a L.G. subir no carro e deitar de costas. O comandante que ela mordeu voltou a agredi-la com socos ao mesmo tempo que lhe dizia: - Você deve ter doença, deves ter-me passado doença com esse teu gosto. Mas vocês não são sérios, devem ser drogados. Vocês andam a se drogar, é verdade. Não pode! Essa miúda está drogada. Não pode, não é normal! - Isso que a polícia está a fazer comigo também não é normal - então eles só continuaram a achar que L.G. fosse alguém que estivesse sob o efeito de drogas. L.G. perdeu os sentidos várias vezes e sempre que voltasse à consciência, a surra recomeçava e houve um momento que L.G. se mijou por três vezes. Ao verem-na nesse estado, disseram: - Não, moça, não é só se mijar, hoje vais ter que se cagar nas nossas mãos, vais ter que se cagar. Ao ver que a surra era demasiada, L.G. tentou entrar debaixo do carro, mas em seguida um dos comandantes ordenou: - Sobe no carro e passa por cima dessa bicha. Temendo por sua vida, L.G. saiu debaixo do carro e cedeu à surra, enquanto orava a pedir à Deus que fizesse um milagre para que eles desaparecessem dali. Mas nada disto aconteceu. Depois, esse último senhor que a agrediu, pediu-lhe os dados. Mas, ele já sabia o nome de L.G. e a chamou. Entretanto, ela se afastou de medo de voltar a apanhar. Ele disse, entretanto: - L.G., vem só, já estou muito cansado, não vou te bater mais. Eles estavam super cansados de tanta surra que deram a ela. Perguntaram sobre os seus pais, ao que ele respondeu que o pai era falecido e que a mãe morava no Kwanza Sul e era

camponesa. - Ainda mais és do Kwanza Sul, és nossa contrerrânea e ficas a se comportar assim?! Conheces o tio fulano, o meu conhecido fulano? - Não, não conheço. Na sequência, ordenaram-lhe que subisse novamente no carro e deram-lhe um dístico para que ela exibisse enquanto era fotografada. Feita a foto, o senhor voltou a perguntar: - Vocês fazem isso por quê? - Nós queremos mudança. - E qual é o tipo de mudança que vocês querem? - São várias - em seu íntimo, ela pensou que se dissesse que a manifestação foi para exigir a demissão do senhor presidente do cargo da Presidência da República, levaria ainda mais surra - são várias, por exemplo, na educação, quando eu fiz o meu ensino médio, os professores achavam que os alunos tinham que pagar e outros tinham que namorar com os professores para puderem aprovar. - E tu já levaste essa situação poro ao Ministério da Educação? - Não, nunca levei essa situação. - Okay. E por outra por que que vocês têm tanto ódio do presidente? - Não, eu não tenho ódio dele.

Este depoimento é da ativista Lucinda Gouveia. Durante a manifestação estava filmando a agressão que os ativistas estavam sofrendo da polícia, fazendo um ativismo jornalístico. Foi detida e em seguida brutalmente agredida por altas patentes da polícia nacional. Temos aqui uma clara evidência de como a polícia atua. Trago este depoimento para escancarar o tratamento que os jovens ativistas têm recebido e com isto percebermos que o ativismo em Angola é uma questão de vida ou morte.

## **7.2 Juventude e desigualdade social**

A questão central do ativismo em Angola como perceptível é juventude, portanto, quem são estes jovens, o que esta juventude almeja, por que abraçar a militância política mesmo com uma represália simbólica, física e política muito agressiva, por que arriscar a própria vida?

Com a maior parte pertencente à classe baixa, estes jovens vivem nas periferias da capital, os famosos musseques onde se encontram boa parte dos centros dos movimentos sociais em Angola (Santos, 2015). Muitos deles são universitários. Quem vive nos musseques como é o meu caso e frequenta a cidade, acaba desenvolvendo uma percepção da desigualdade social tão profunda quase tátil. Neste caso, eles saem dos seus *musseques* até a cidade, uns devido à faculdade e outros por trabalho, tendo em conta que, boa parte das empresas se concentram no centro da cidade como é dito algures no texto. Durante esta trajetória você é obrigado a ver um desses cenários ou todos de uma vez só.

Lembro de ver crianças vendendo água fresca, a zungueira (vendedora ambulante) correndo com bebé ao colo fugindo do fiscal que pretende confiscar o seu produto. O policial se escondendo no beco para pegar os motoqueiros desprevenidos e cobrar deles alguns valores para devolver suas motos, a avó vendendo petróleo na pracinha perto de casa, jovens vendendo refrigerantes e cervejas na estrada, o adolescente

chamador de passageiros na paragem, uma família pedindo esmola na ponte, bairros sem iluminação pública, crianças brincando no lixo. Ao se aproximar do centro da cidade o cheiro muda, as zonas são limpas, não tem lixeira em casa esquina, edifícios do mais alto padrão de luxo, carros que não se acredita existir em Angola, parasse outro país no mesmo.

Para além da língua, a mesma cor da pele, uma outra coisa que te lembra que estás em Angola quando te encontras em algumas partes do centro da cidade de Luanda são as disputas por comida no contentor de lixo. Disputas essas que já terminaram em morte. Os jovens descritos vivem na prática o antagonismo daquilo que Angola deveria ser e aquilo que Angola é, o que se vive no cotidiano social dos angolanos. Muitos desses jovens os seus pais, tios e vizinhos foram antigos combatentes, eles ouviram os relatos da guerra, do tempo do partido único (sistema de regime Partido-Estado ou de partido único).

Muitos desses jovens, seus pais e tios viveram o 27 de maio de 1997. Por outro lado, são jovens cujo a consciência política desenvolveu-se por questionamentos da realidade dura de Angola, com um incentivo da classe artística mais notadamente Bonga, Brigadeiro 10 Pacotes, MC K, Iconoclasta, Kid MC, Paulo Flores, Prodígio e os Seketche este último mais recentemente com o rap cia expondo a realidade dos musseques de uma maneira muito crua o que torna a expressão artística do grupo única, com uma linguagem forte em gíria característico do lugar em que a arte é produzida e com um apelo a não bandidagem, entre outros.

Os questionamentos giram em torno do sistema de governação, a má gestão da coisa pública, nepotismo, abuso de poder. É comum questionar-se o motivo da segurança nacional ganhar sempre mais atenção no orçamento geral do Estado do que a educação e saúde. Também se questionam décadas de governação de um único presidente. As perguntas/questionamentos são vários: Por que um país rico vive na miséria? por que quase que não existem políticas públicas sociais que alcançam a classe baixa? Por que desde a independência não se produziu novos heróis? Por que o país é dirigido pelas famílias da elite política? Por que meus pais, vizinhos ou conhecidos dizem “*ché candengue* não fala política” sempre que alguém fala dos seus direitos, ou manifestar um pensamento diferente ao sistema político angolano?

### **7.3 “*Ché cadengue* não fala política”, uma política de morte**

A intenção deste trabalho não é responder todas as questões supracitadas, porque todas elas são respostas e razões das manifestações que ocorrem em Luanda e Angola de maneira geral.

Olhar para todos os pontos colocados acima ficar calado, não fazer absolutamente nada é a finalidade do *Ché cadengue* não fala política, esta categoria é parte da estrutura da governação através do medo pelo qual condiciona o cidadão a viver o conformismo de recorrer ao silêncio como meio de reivindicação dos seus direitos e o meio de obter a respostas delas.

Esta expressão é, portanto, o lugar do medo, lugar do silêncio, é o lugar da morte. Alves Kamulingue, Isaiás Sebastião Cassule o caso que chocou Angola em 2012, raptados e assassinados depois de tentativa de manifestação antigovernamental.

Isaiás Cassule terá sido atraído no dia seguinte ao rapto de Kamulingue e na ânsia de obter mais informações sobre o sumiço de seu amigo, pois Cassule não tinha notícias do amigo há dois dias. Cassule foi morto por asfixia e o seu corpo foi atirado aos jacarés na ponte sobre o rio Bengo, em Kifangondo. De acordo com Rafael Marques de Morais em matéria publicada em 17 de novembro de 2014 no Maka Angola, o caso Cassule tem mais que ver com o envolvimento do Comité Provincial do MPLA em Luanda. Sabe-se que o suspeito Maurício Júnior “Tcheu” é um membro da Unidade de Proteção de Individualidades Protocolares (UPIP), que estava em comissão de serviço na sede provincial do MPLA com a missão de criar e coordenar as atividades das milícias, vulgarmente conhecidas por “Kaenches”. Essa força ilegal tinha como tarefa conter manifestações e protagonizar atos de violência contra manifestantes e líderes da oposição (KAPOCO, 2020. p. 109. APUD MORAIS, 2014).

Inocência de Matos, morto por disparo de um policial que o acertou na cabeça durante a manifestação em Luanda, estes são alguns exemplos que nos mostram que a expressão em estudo é o lugar da morte.

“*Ché cadengue* não fala política” é também por outro lado lugar da inexperiência, todos “mais velhos” que defendem o sistema ao dizerem para nós jovens “*Ché cadengue* não fala política” quando expomos pensamentos que se mostram contra a gestão da coisa pública pela máquina do Estado, estão dizendo implicitamente que vocês são jovens demais (inexperientes, que não compreendem a realidade como tal, emocionados) para entender o que está acontecendo.

Os mais velhos quando se posicionam desta maneira, estão fazendo uma comparação da juventude atual e da juventude do seu tempo, tempo do partido único, e por não termos vivido o que eles viveram consideram-nos crianças. “O facto de falar dos jovens como uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesse comuns, e

relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (BOURDIEU, 1983).

Tanto o silêncio quanto silenciamento é um combate a vida principalmente em África onde a fala ganha corpo de vida, que passa conhecimento e que conserva sabedoria, que resolve conflitos quando a ela recorremos, o *ondjango* é esta clara evidência deste exercício da fala, onde a tradição oral é presente e viva, mais marcado sul e sudeste de Angola, mas que perpassa quase todo território, o que seria o *Ondjango*?

[...] é a assembleia que se reunia em determinado local para conversar, discutir, tratar de todos os assuntos (...) a vários níveis: familiar, de bairro, de aldeia ou só de responsáveis. Quando se tratava de uma reunião geral dos homens, deve referir-se que ali era feito um controle diário de toda a vida e de todas as vidas, isto é, ali se conversava e ali se davam informações tanto de caráter público como de caráter mais privado. [...] Digamos que se trazia, diariamente, o ponto de situação. E era um balanço da vida profundamente comunitária (DIAS, Paulo, 2014. p. 345.)

*Ché cadengue* não fala política é, no entanto, ignorar nossa herança ancestral e reprimir nossa identidade cultural.

## 8 METODOLOGIA

O presente projeto será costurado a partir de uma abordagem qualitativa (Denize Terezinha Teis e Mirtes Aparecida Teis, 2006). A abordagem em questão permite captar sentidos e significados em torno do cotidiano dos interlocutores que pretendemos pesquisar. “A pesquisa qualitativa observa o fato no meio natural, por isso é também denominada pesquisa naturalística (ANDRÉ, 1995. Apud. Teis 2006). A linha mestra do nosso trabalho é problematizar o ativismo juvenil em Luanda, neste sentido faremos uma análise interdisciplinar a fim de percebermos a questão simbólica, cultural, político e como a história não é alheia ao tempo, buscamos as raízes históricas no sentido de desnaturalizar o assunto “ché cadengue não fala política”. Porém se aproximando ao tema da maneira mais natural possível.

Naturalística ou naturalista porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (TEIS, 2006. p. 2).

Adotar-se-á no presente projeto um viés metodológico sustentado na triangulação de técnicas e instrumentos de coletas de dados (MARCONDES; BRISOLA, 2014). Outrossim, como forma de compreender diferentes contextos históricos e suas representações sobre ativismo juvenil, far-se-á entrevistas semiestruturadas com algumas figuras históricas importantes dos movimentos políticos que encabeçaram a luta de libertação nacional angolana.



## REFERÊNCIAS

- ZENGO, Antônio Zageu. Angola: diversidade étnica, políticas públicas e o desafio da unidade nacional. **Revistas.uece**, [s. l.], 21 jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2442>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- SILVA, Agostinho. “A Origem e Intervenção do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) na luta de Independência Nacional (1961-1975)”. **ACADEMIA MILITAR DIRECÇÃO DE ENSINO CURSO DE ARTILHARIA**, [s. l.], 12 maio 2010. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7264/1/TIA-813SILVA.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- ZAU, Filipe. ANGOLA: TRILHOS PARA O DESENVOLVIMENTO. **TEMAS EDUCACIONAIS**, [s. l.], 18 jan. 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/nicol/Downloads/ANGOLA-Trilhos%20para%20o%20Desenvolvimento%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/nicol/Downloads/ANGOLA-Trilhos%20para%20o%20Desenvolvimento%20(3).pdf). Acesso em: 22 jan. 2023.
- DEL BARRIO, JAVIER MARTÍN. A cidade mais cara do mundo está num país subdesenvolvido. **El País**, [s. l.], 30 jun. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/22/internacional/1498127040\\_985133.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/22/internacional/1498127040_985133.html). Acesso em: 22 jan. 2023.
- BETTENCOURT, Andrea Carina de Almeida. Qualificação e reabilitação de áreas urbanas críticas. Os musseques de Luanda. **FACULDADE DE ARQUITECTURA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA**, [s. l.], 18 jul. 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3654>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- CORDEIRO, (Gazeta do Povo, 26/07/2019, 11:01)”. Em Angola, alunos levam suas cadeiras de casa Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/emangola-alunos-levam-suas-cadeiras-de-casa/> Copyright © 2023, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados. **Gazeta do Povo**, [s. l.], 27 jul. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/em-angola-alunos-levam-suas-cadeiras-de-casa/>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- DE OLIVEIRA, Miguel dos Santos; ARTMANN, Elizabeth. Regionalização dos serviços de saúde: desafios para o caso de Angola. **1 Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil**, [s. l.], 8 abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/v25n4/06.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- DULLEY, Iracema. Sobre a vida política na Angola contemporânea. **Afro-Ásia**, n. 60, 2019.

KAPOCO, FERNANDO DOS ANJOS. AUTORITARISMO E DEMOCRACIA EM ANGOLA: OS DESAFIOS QUE O CASO 15+2UAS IMPÔS À CONSTITUIÇÃO DE 2010. UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/ INSTITUTO TRÊS RIOS, [s. l.], 16 jun. 2020. Disponível em:

[https://tede.ufrjr.br/jspui/bitstream/jspui/6150/2/2020%20-](https://tede.ufrjr.br/jspui/bitstream/jspui/6150/2/2020%20-%20Fernando%20dos%20Anjos%20Kapoco.pdf)

[%20Fernando%20dos%20Anjos%20Kapoco.pdf](https://tede.ufrjr.br/jspui/bitstream/jspui/6150/2/2020%20-%20Fernando%20dos%20Anjos%20Kapoco.pdf). Acesso em: 22 jan. 2023.

TRAJETÓRIA político de António Agostinho Neto (1947-1975). **Trajetória político de António Agostinho Neto**, [S. l.], p. 18, 19, 20, 20 dez. 2021. Disponível em: Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras São Francisco do Conde (BA) | v.1, nº Especial | p.16-30 | dez. 2021. Acesso em: 5 jan. 2023.

LUANDA, Manuel. Primavera Árabe fomentou cultura de manifestações em Angola. **Primavera Árabe fomentou cultura de manifestações em Angola**, [S. l.], p. 1, 2 fev. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/a-primavera%20%C3%A1rabe-e-a-cultura-das-manifesta%C3%A7%C3%B5es-em-angola-umahist%C3%B3ria/a-37551231>. Acesso em: 6 jan. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. n-1 edições, 2021.

ANGOLA: Pôr Fim à Violência Contra manifestações Pacíficas. **Polícia e Agentes de Segurança Ferem pelo menos 14 Manifestantes**, [S. l.], p. 1, 7 dez. 2011. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2011/12/07/244737>. Acesso em: 6 jan. 2023.

ANGOLA: Autoridades Implicadas em Assassinato de Organizadores de Protesto. **Investigar Assassinatos a Fundo; Permitir Manifestações Pacíficas**, [S. l.], 22 nov. 2013. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2013/11/22/251866>. Acesso em: 6 jan. 2023.

MORTE de Inocêncio de Matos continua à espera da justiça. **Morte de Inocêncio de Matos continua à espera da justiça**, [S. l.], p. 1, 10 nov. 2022. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-002/angola-inoc%C3%A2ncio-de-matos-morreu-h%C3%A1-dois-anos-fam%C3%ADlia-continua-sem-saber-porqu%C3%A3-a-63705619>. Acesso em: 6 jan. 2023.

BOURDIEU, Pierre. “**A juventude é apenas uma palavra**”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

DIAS, Paulo. **O lugar da fala: conversas entre o ondjango angolano e o jongo brasileiro**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 59, p. 17, dez. 2014.

MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. **As memórias do 27 de maio de 1977 em Angola**. As memórias do 27 de maio de 1977 em Angola, [s. l.], p. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 15 jun. 2010. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890307\\_ARQUIVO\\_TrabalhoInacioMarquesAnpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890307_ARQUIVO_TrabalhoInacioMarquesAnpuh2011.pdf). Acesso em: 6 jan. 2023.

MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. **Purga em Angola**. Lisboa: Edições ASA, 2007.

FRANCISCO, Michel. **Nuvem Negra – O drama do 27 de Maio de 1977**. Lisboa: Clássica Editora, 2007.

HISTÓRICO DO CASO: ANGOLA 15+2. **Sobre o Caso Angola 15 + 2**, [S. l.], 28 mar. 2016. Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/pt/case/case-historyangola-15>. Acesso em: 6 jan. 2023.

DAIO, Ilídio. Angola informal: um olhar sobre os musseques de Luanda. ArchDaily , [s. l.], 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/936949/angolainformal-um-olhar-sobre-os-musseques-de-luanda>. Acesso em: 25 jan. 2023.

ANDRÉ, Thomashausen. A Constituição de Angola de 2010 no contexto do constitucionalismo em África. **Universidades Lusíada**, [s. l.], 14 jun. 2011. Disponível em: [epositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/1013/1/LPIS\\_n5\\_1.pdf](http://epositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/1013/1/LPIS_n5_1.pdf). Acesso em: 28 jan. 2023.

MOREIRA, Rakell Dhamarys. Liberdade de Expressão, Mídia e Tolerância. **Revista dos direitos humanos da universidade estadual de Goiás** , [s. l.], 23 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.ueg.br/index.php/atatot/article/view/9779/8028>. Acesso em: 28 jan. 2023.

ANGOLA. [Constituição (13)]. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE ANGOLA** . [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <https://www.ilo.org/dyn/natlex/docs/ELECTRONIC/84536/94065/F466903017/AGO84536.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2023.

Silva, J. M. M.; Quintas, O. P. Origem em atos de força e violência do Estado: os reflexos da violência colonial e pós-colonial nos processos políticos na Angola contemporânea. *Aedos*, v. 14, n. 31, p. 61-71, jul.–dez., 2022.

RABELLO, Fernando. ANÁLISE DA PRIMAVERA ÁRABE: um estudo de caso

sobre a revolução jovem no Egito. **Revista CEJ**, [s. l.], 17 abr. 2013. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32022716/ANALISE\\_DA\\_PRIMAVERA\\_ARABE\\_UM\\_ESTUDO\\_DE\\_CASO\\_SOBRE\\_A\\_REVOLUCAO\\_NO\\_EGITO-libre.pdf?1391485420=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DANALISE\\_DA\\_PRIMAVERA\\_ARABE\\_um\\_estudo\\_de.pdf&Expires=1674868586&Signature=ZX2dq-8Yw-hHB3C7X5Z9465~zI3VDpXgVaqpYM17dJSEXt7X1YY7bFlrTGNs5ZDdZryecQ1o4LSNFx9jOVOxnPow1T1Csczli-qBcvdV4bmv1x~CHAndx5w7lr99kNyVc4G0B0AEmB4Qg48opdP~7tVCDyAE3OKGdpmka31tkinNTgMsO5d2jtViNHcxP7icXGSb0zxGQG1cHpNpIasM2nqYoxXvGFw0bxxXuUDgntqZbecoZdcPAIZtoIcelUiN8dCv9CxnNofv961UfdJJcqM7R0VNSrR3x8uuAPI4aRwjAB8lkZ4H6It~PKC0Z1P~wG8QAzdeWv9tpbd6D9gg\\_&Key-PairId=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32022716/ANALISE_DA_PRIMAVERA_ARABE_UM_ESTUDO_DE_CASO_SOBRE_A_REVOLUCAO_NO_EGITO-libre.pdf?1391485420=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DANALISE_DA_PRIMAVERA_ARABE_um_estudo_de.pdf&Expires=1674868586&Signature=ZX2dq-8Yw-hHB3C7X5Z9465~zI3VDpXgVaqpYM17dJSEXt7X1YY7bFlrTGNs5ZDdZryecQ1o4LSNFx9jOVOxnPow1T1Csczli-qBcvdV4bmv1x~CHAndx5w7lr99kNyVc4G0B0AEmB4Qg48opdP~7tVCDyAE3OKGdpmka31tkinNTgMsO5d2jtViNHcxP7icXGSb0zxGQG1cHpNpIasM2nqYoxXvGFw0bxxXuUDgntqZbecoZdcPAIZtoIcelUiN8dCv9CxnNofv961UfdJJcqM7R0VNSrR3x8uuAPI4aRwjAB8lkZ4H6It~PKC0Z1P~wG8QAzdeWv9tpbd6D9gg_&Key-PairId=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 28 jan. 2023.

ANGOLA: Cronologia das manifestações. **A ESQUERDA**, [s. l.], p. 1, 27 dez. 2013. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/angola-cronologia-dasmanifesta%C3%A7%C3%B5es/30739>. Acesso em: 28 jan. 2023.

DOS SANTOS, Daniel. Encontro entre pobreza e moral em Luanda. Urbanização, direitos e violência. **Faculdade das Ciências Sociais, Universidade de Ottawa.**, [s. l.], 22 mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/ZTz6QYWjvDtNtRF6xw8Lskp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jan. 2023.

Teis, M. A., and D. T. Teis. "A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa." *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação* 1 (2006): 1-8.

Pestana, Nelson. "As dinâmicas da sociedade civil em Angola." *Occasional papers series* (2003): 1-41.

ANTUNES, Marisa. Luanda é a cidade mais cara do mundo. **EXPRESSO50**, [s. l.], p. 1, 24 jun. 2017. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2017-06-24-Luandae-a-cidade-mais-cara-do-mundo>. Acesso em: 28 jan. 2023.

BEU, Clarice Chinofila. A IMPLEMENTAÇÃO DAS AUTARQUIAS EM ANGOLA COMO ALAVANCA PARA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS LOCAIS. **ACADEMIA BRASILEIRA DE DIREITO CONSTITUCIONAL**, [s.

l.], 30 mar. 2017. Disponível em:  
<http://www.abdconstojs.com.br/index.php/revista/article/view/173/171>. Acesso em: 28  
jan. 2023.

Marcondes, Nilsen Aparecida Vieira, and Elisa Maria Andrade Brisola. "Análise por  
triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas." *Revista Univap*  
20.35 (2014): 201-208.